

Como disse Friedrich Nietzsche, "é preciso ter o caos dentro de si para gerar uma estrela dançante". Isso ocorre com a protagonista deste conto do livro *Faca na Língua*, de Eunice Mendes. Trata-se de uma mulher de 63 anos, bem sucedida em todas as suas empreitadas e dotada de inteligência extraordinária que inspira aqueles que fazem parte do seu convívio pessoal e profissional como professora de filosofia. Mas ela começa a ter problemas para se lembrar de nomes, das pessoas e dos significados das palavras que lhe fizeram companhia durante a vida inteira, a ponto de precisar de uma acompanhante durante todas as horas do dia em razão do avanço da doença.

Nos períodos de folga dessa sombra que ofuscava a aura do seu brilho de antes, sua rotina se resumia a uma quantidade imensa de post-its colados pela casa toda para lembrá-la das atividades mais simples do mundo, como comer, tomar banho e fechar as torneiras. Aos poucos, a enfermidade compromete por completo sua capacidade cognitiva e acaba vencendo a batalha. Ao ver a própria imagem refletida no espelho, a personagem já não representa mais nada para si mesma, apenas um ser transfigurado e sem identidade alguma, digno de compaixão pela vulnerabilidade cruel do seu estado. Justo ela, tão forte e independente na sua trajetória até então vitoriosa e agora corroída pelos percalços da condição humana.

Como uma Alice tardia do país imaginado por Lewis Carroll, a protagonista mergulha em um buraco vazio, no coma profundo que antecede sua morte durante inexatos 14 dias (335 horas). Mas, durante esse tempo, ela vive uma aventura que faz jus ao "país das maravilhas". Agarrada ao vento, é levada à sala de um castelo lindo e aconchegante, onde uma abóboda azul pendurada no teto explode em milhares de post-its prateados que contêm todas as palavras com as quais ela não conseguia mais se conectar. Em um passe de mágica, esses minipedaços de luz passam a dançar pelo ar e ela, na mesma sintonia, resgata com avidez aqueles sentidos tão seus e até mesmo a origem dos vocábulos com os quais sua alma fazia festa e saciava a sede de memória.

Para sua surpresa, essas pequenas placas brilhantes forraram o chão e, unidas, formaram um espelho de cristal aos seus pés, pois agora lhe pertenciam mais do que nunca. Ao se ver refletida, ajoelhou-se e, finalmente, reconheceu a sua centelha divina ali, intacta e genuína, fazendo com que as recordações viessem à tona como balões submersos e soltos de uma só vez, repletos de felicidade abundante. Depois de sair desse transe, seu corpo permanece inerte sobre a cama, mas o sorriso indecifrável em seu semblante revela a plenitude de conhecimento, lambuzada de significados múltiplos e eternos. Afinal, ainda de acordo com Nietzsche, "a palavra é encantadora loucura. Com ela, o homem dança com todas as coisas".

Maria Alice Carnevalli

Crítica literária, doutora em Ciências da Comunicação e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo.